

Artigo redigido para “O Pelourinho”- Publicação da Junta de Freguesia de Atouguia da Baleia.

Por Ana Batalha

## Igreja de S. Leonardo - Memórias gravadas na Pedra – 1ª parte

Quem, tendo entrado na Igreja de S. Leonardo, não tentou já provavelmente ler algumas das inscrições antigas e símbolos inscritos em muitas das pedras tumulares, paredes, lápides, inscrições, esculturas em capitéis e pias, que aí se encontram ? questionando-se possivelmente acerca de quem ali foi sepultado, em que época e que histórias de vida encerram aquelas sepulturas, aquelas pedras ?

De facto, inúmeras memórias aí se encontram gravadas. Testemunhos silenciosos de outros tempos, testemunhos que aguardam a nossa curiosidade e as nossas perguntas para que possam partilhar connosco as alegrias e tristezas de que são o resultado, também dos momentos significativos assim cristalizados, formando as páginas da nossa História e da nossa identidade.

A igreja de S. Leonardo foi durante largos séculos local privilegiado para os enterramentos e colocação das arcas funerárias. Espaço de salvação, pois beneficiava da protecção divina, a igreja incluindo o seu adro e periferia, constituía um espaço sagrado que permitia a colocação dos corpos dos fiéis, fazendo-se a sua organização e distribuição em função da distinção social . Só com o desenvolvimento do século XIX veremos as igrejas perderem esta função de espaço reservado para a última morada. Um rol de epidemias e de novas preocupações com a salubridade e a saúde pública obrigaram, por vezes violentamente, as comunidades a alterarem hábitos funerários fortemente enraizados.

Olhando a diversidade epigráfica, resulta claro que a Igreja de S. Leonardo acompanhou os tempos e guardou nas suas pedras muito da história desta freguesia, e mesmo da história nacional. Trata-se de um património extraordinário que nos apresenta momentos dramáticos da vida da nossa comunidade, de mistura com aspectos mais prosaicos e quotidianos, mas igualmente interessantes.

De um modo geral as igrejas informam muito acerca da comunidade em que estão inseridas: a nível económico, a sua arquitectura, a dimensão e riqueza artística; a nível político e social , pela ligação a determinadas personalidades – régias, nobres ou religiosas – que escolheram o templo para a sua “eternidade”.

De facto, para o estudo da história local, recorrendo a diversas fontes na sua constante procura das memórias da nossa identidade, o historiador encara com grande interesse, documental e iconográfico, os testemunhos prestados por este tipo de materiais e espaços.

Seguidamente tentarei fazer algumas chamadas de atenção para as peculiaridades das pedras desta igreja e que eventualmente poderão responder a algumas questões que assaltam aqueles que se detêm num olhar mais atento sobre aquele espaço religioso.



Começemos pela pequena, mas muito cuidada lápide que se encontra na capela lateral direita (foto 1). Trata-se de uma pequena pedra rectangular, com inscrição gótica, entre duas peças cujo simbolismo se desconhece mas que sugerem o cordame , tão presente na arquitectura e escultura da época da Expansão Portuguesa. A inscrição diz: *Este coro mandou fazer a condessa dona Guiomar de Castro pela alma do Sr. Conde dom Álvaro de Ataíde que Deus haja, seu marido: que aqui jaz*

Foto 1: lápide evocativa da construção do coro da igreja de S. Leonardo (1466)

*seu corpo enterrado o qual coro foi começado e acabado em o ano de mil e quatrocentos e LXVI.*

Assim, esta lápide fornece dados preciosos sobre a própria Igreja de S. Leonardo, datando um coro que se erigia sobre a porta, no interior, na nave central e de que ainda se detectam os vestígios da sustentação e do acesso. Por outro lado exprime de forma eloquente a relação deste espaço com a família dos Ataídes, desde o século XV.

Desta relação surgem ainda outros testemunhos claros, em particular na capela mor, onde se encontra o túmulo do 1º Conde de Atouguia, D. Álvaro de Ataíde. Trata-se de um túmulo muito



Foto 2 : Túmulo de D. Álvaro de Ataíde, 1º Conde de Atouguia, capela mor de S. Leonardo (Séc. XV).

grande, de pedra calcária, faces lisas, tendo apenas ao centro um escudo simples, de ponta, que se não tivesse sido propositadamente picado apresentaria as armas de Ataídes. As quais de resto se encontram no interior da sacristia, na outra face do mesmo túmulo, onde a sanha pombalina não alcançou (foto 2).

A presença deste túmulo na própria capela mor testemunha claramente a importância desta família no concelho e no país, numa época em que o ritual e o simbolismo fúnebre reflectiam as características, desigualdades e privilégios, na vida como na morte. Da mesma forma que os mais importantes senhores, hierarquicamente assistiam aos officios

divinos mais próximos do altar mor e simbolicamente mais próximos de Cristo, também os túmulos dos senhores de Atouguia se distanciavam do adro e se aproximavam o mais possível do altar mor. Embora outras zonas também pudessem ser objecto de relevo social. Inegavelmente o adro e o exterior do templo eram reservados aos membros menos influentes da comunidade.



Foto 3 – Pedra tumular de Álvaro Camelo (1534)

Olhando os nomes gravados e as datas respectivas podemos ter uma ideia da hierarquia social, dominante em Atouguia em diferentes épocas. Por exemplo veja-se, datado de 1547, a existência de uma pedra tumular lisa com a seguinte inscrição em maiúsculas: **DE RUI DORTA / E DE SEUS ERDEIROS / FALECEO / AOS QUATRO DIAS DE IULHO/ D: 1547.** Ainda do século XVI veja-se a pedra tumular lisa com inscrição em gótico, com o seguinte texto: *Aqui jaz Joana Correia casada. mulher. Que foi de Vº Manuel fa.../ .. de Setembro. de 1558.*

A própria qualidade das inscrições estabelece distinções sociais e até profissionais, afirmando estatutos e riqueza em paralelo com os intuitos religiosos e de piedade. Vejam-se por exemplo as duas lápides tumulares que ladeiam a entrada da Igreja e que pertenceram a dois proeminentes membros da nobreza da época: do lado direito uma pedra tumular, exibindo um escudo simples em relevo, tendo as armas esquarteladas: nove vieiras, postas 3,3,3; e cruces flordelizadas já muito gastas. Tem um pequeno rebaixo em toda a volta, e a acompanhá-lo a seguinte inscrição gravada ( foto 3): **AQUI JAZ ALVARO. CAMELO MOÇO DA CAMARA DEL REI DOM JOÃO 2 VASSALO DEL REI DOM EMANUEL FALECEU AOS XIII DE FEVEREIRO ANO DE MIL E 534 .** Do lado esquerdo, mais antiga ainda vê-se uma outra pedra tumular muito grande, já bastante gasta, com brasão em forma de cadeado ao centro, em pequeno relevo, atravessado por uma espada e inscrição gótica em toda a volta, que diz:



Foto 4 – Pedra tumular de Domingos Bartolomeu (149?)

**AQUI JAZ DOMINGOS BELRTOLAMEU VASSALO DELL REI E SEU COREGEDOR.....AO TRES DIAS DE MARÇO ERA DE MIL E CCCC E NOVENTA E...**  
(foto 4)



Foto 5 – Pedra de armas por cima da capela lateral dos Delgado Figueira (Séc. XVII)

Já do século XVII, surgem outras figuras testemunhadas na pedra da Igreja de S. Leonardo, nomeadamente na capela esquerda, erigida para albergar uma outra família proeminente, os Delgado Figueira, cujo brasão encima o pequeno espaço, patrocinado por aquela família, em vida, e reservado para acolher os seus membros mais ilustres após a sua morte.

O Brasão ou Pedra de Armas, apresenta-se em formato simples de escudo recortado. Cerca de dois terços são ocupados com o escudo propriamente dito e a parte superior tem o elmo, timbre e um minúsculo paquife (folhagem ornamental). O escudo é esquartelado com as armas de Figueiras de Chaves e Delgados, com timbre de Figueiras de Chaves. (foto 5)

No interior da capela destacam-se duas lápides com inscrição, datadas de 1654 e 1655, relatando a instituição desta capela lateral, e a trasladação para aqui do Doutor Delgado Figueira, inquisidor em Goa

e Évora e do Padre António Delgado Figueira. Localizada na capela lateral nas paredes, (foto 6)

Sem data mas bastante curiosa é a pedra tumular que se encontra sob a soleira da porta do lado direito do altar mor e que sem dúvida corresponde a uma reutilização (inicialmente dever-se-ia encontrar no adro) a qual apresenta não um brasão mas uma heráldica bastante diferente. Trata-se de uma tesoura, instrumento de ofício ( possivelmente de alfaiate ) que orgulhosamente assim se ostentava (foto 7). De resto,



Foto 7 – pedra tumular de artesão

que orgulhosamente assim se ostentava (foto 7). De resto, no exterior da Igreja no seu lado esquerdo existe uma outra pedra tumular, esta de cabeceira, que ostenta outros instrumentos de trabalho, mas estes de canteiro.

Porque o tempo já vai longo e não poderíamos esgotar o tema

nestas poucas linhas, apenas mais três referências por agora, prometendo continuar no próximo “Pelourinho”. Trata-se da inscrição que encima o túmulo de D. Álvaro de Ataíde (foto 8), no altar mor e cuja primeira linha picada revela a história da perseguição dos Condes de Atouguia por parte do Marquês de Pombal, englobados na mesma



Foto 6 – Lápide do Inquisidor Delgado Figueira (Séc. XVII)



Foto 8 – Lápide dos Ataídes, no altar-mor de S. Leonardo, picada em 1759.

acusação de conspiração que os Távoras, cujos laços de parentesco e proeminência social, política e económica, conduziram ao cadafalso por um crime de lesa-majestade de que tardiamente foram ilibados. O escopro quis assim completar a obra de apagar da face da terra o nome dos Ataídes, distorcendo os símbolos e as letras que identificassem a família, assim se picando o brasão no túmulo (e no pelourinho), bem como qualquer outra inscrição onde aparecesse o nome daquela família.

Algumas linhas ainda para as marcas de canteiro e para os capitéis desta igreja. No que se refere aos símbolos que frequentemente se oferecem ao olhar atento, nas pedras das paredes de S. Leonardo, podemos detectar as marcas que os oficiais que talharam as pedras para aquela construção gravaram para que pudessem ser pagos pelo seu labor. Trata-se de um procedimento com um objectivo bem prosaico mas que evidencia também uma afirmação pessoal, como que orgulhosamente dizendo à posteridade: eu fiz o que aqui está! Estudos recentes têm vindo a tentar interpretar estas marcas, associando-as a famílias de mestres e oficiais de cantaria, a corporações e tentando também identificar a presença destes oficiais em diferentes construções. Em S. Leonardo as marcas de canteiro vão do menos elaborado ao verdadeiro requinte, como podemos constatar com os dois exemplos que se seguem



Foto 9 - marca de canteiro medieval em S. Leonardo



Foto 10 - marca de canteiro medieval em S. Leonardo



Foto 11 – decoração de capitel em S. Leonardo.

e que atentamente poderão identificar algures nas paredes interiores do altar mor. (fotos 9 e 10)

Finalmente uma chamada de atenção para um aspecto que desenvolveremos futuramente: a decoração dos capitéis de S. Leonardo (foto 11). Todos eles diferentes, com motivos bem diversificados e com íntimo relacionamento com o ambiente da época medieval, bem como com o fabulário, a mitologia e a religiosidade. Apresentam francas características românicas e tinham de facto uma função estética e simbólica, para além de estrutural. Aqui fica um exemplo, com um pormenor, apenas para reforçar a curiosidade.

Notas:

1 - As inscrições referidas ao longo do artigo encontram-se actualizadas, parcialmente, afim de facilitar a sua leitura por parte dos menos familiarizados com a redacção epigráfica.